
Prática de jornalismo alternativo e uso de tecnologia móvel no Mídia Ninja RN¹

Ayanniele GOMES²

Caio ANDRADE³

Celinna CARVALHO⁴

Luisa MEDEIROS⁵

Vinicius CASTRO⁶

Eloisa KLEIN⁷

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

Resumo

Esta pesquisa utiliza de pesquisa bibliográfica e análise de postagens de conteúdo de mídia para estudar aspectos de mídia móvel e utilização de tecnologias para a realização de um trabalho de mídia alternativa. Para tanto, foi analisado o trabalho da página do Facebook Mídia Ninja RN, sendo recortada a cobertura das ocupações escolares de 2016 para a análise. Neste recorte figuram 119 publicações da página no Facebook e 13 no blog do coletivo, todas publicadas no período de setembro a dezembro de 2016. Nesta cobertura se demonstra uma característica importante que é a utilização de *smartphone* para a gravação de vídeos e geração de imagem, sendo notória a importância da tecnologia móvel para um trabalho realizado fora das mídias corporativas.

Palavras-chave: mídia alternativa; tecnologia móvel; Mídia Ninja RN; ocupações.

1 Introdução

Esta pesquisa analisa o desenvolvimento de jornalismo alternativo e a utilização

¹ Trabalho apresentado no IJ 5 – Comunicação Multimídia do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Estudante de Graduação do 9º. semestre do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda da UFRN, e-mail: ayannigomes@gmail.com

³ Estudante de Graduação do 9º. semestre do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo da UFRN, e-mail: caiomerryo@gmail.com

⁴ Graduada em História; especialista em Literatura e Ensino; Estudante do 7º Semestre do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo. E-mail: celinna_carvalho@hotmail.com.

⁵ Estudante de Graduação do 9º. semestre do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda da UFRN, e-mail: luamsapiens@gmail.com

⁶ Estudante de Graduação do 7º. semestre do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo da UFRN, e-mail: euviniciuscastro@gmail.com.

⁷ Orientadora do trabalho. Professora da Unipampa. Foi professora na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos, e-mail: eloisa.klein@gmail.com

de tecnologia móvel no processo de cobertura de mobilizações de rua derivados de um projeto experimental de jornalismo colaborativo da UFRN, que extrapolou as dimensões da universidade e passou a ser compartilhado com um grupo mais amplo, responsável pelo Mídia Ninja RN, que opera no Facebook e com um blog de notícias. Nestes ambientes digitais, o projeto apostou em uma perspectiva pautada pelos movimentos sociais, sindicais e estudantis, utilizando-se igualmente de critérios jornalísticos, e da busca de articulações com sindicatos, movimentos estudantis e partidos políticos de esquerda, derivando desta base a política editorial do Mídia Ninja RN.

Para analisar as questões de mídia alternativa e uso de tecnologia móvel, o texto opera com o recorte de uma cobertura de ampla dimensão realizada pelo Mídia Ninja RN no ano de 2016, envolvendo as ocupações de escolas, institutos técnicos e universidades, que aconteceu em todo o país e, no Rio Grande do Norte, atingiu 13 instituições⁸. O movimento ficou conhecido como #OcupaEscola e tinha por motivação a expressão de insatisfação e protesto contra uma Proposta de Emenda Constitucional que alterou os meios de destinação de recursos para áreas do orçamento público, entre elas a educação, a contrariedade à reforma do Ensino Médio por decreto presidencial, e contra o tipo de legislação pretendida para regular as relações entre alunos e professores nas escolas.

A cobertura das ocupações se valeu do dinamismo da internet, com plataformas em ambiente digital, atualizações constantes e colaboração de militantes do movimento estudantil e participantes do movimento #OcupaEscola. Acompanhando a agenda nacional e local do movimento #OcupaEscola, o coletivo Mídia Ninja RN possibilitou a organização de uma rede de convergência de informações e atualizações entre participantes do movimento, seus apoiadores, e pessoas da comunidade em geral. A página do Facebook gerou grande fluxo de informações acerca da movimento no Rio Grande do Norte, tendo em seu ápice cinco milhões de visualizações em uma semana.

A cobertura do movimento #OcupaEscola foi realizada majoritariamente com *smartphones*. Fotos e vídeos eram registrados e imediatamente disseminados através de uma conexão em rede sem fio (*wi-fi*, 3G e 4G) na *fan page* do Mídia Ninja RN no

⁸ ESTUDANTES, Pelo menos 21 estados e o DF têm escolas e institutos ocupados por estudantes. G1, 27, nov. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/u6551e>>. Acessado em: mai. 2017.

Facebook e blog do coletivo. Essas plataformas ambientadas em ambiente digital foram responsáveis por espalhar os atos e idealizações do movimento, fazendo parte da constituição simbólica das ocupações escolares no estado do Rio Grande do Norte. Com a análise deste caso, pretendemos refletir sobre modos de apropriação da tecnologia móvel para a constituição de mídias alternativas junto aos movimentos sociais no século XXI.

2 A mobilidade no jornalismo e coberturas de mobilizações de grupos sociais

As transformações na criação e consumo de informação atingem diretamente o jornalismo, com necessidade de um novo perfil profissional, mudanças nas configurações de funcionamento da redação e adoção de tecnologias digitais. Mitchell Stephens (2014) analisa que a atividade do jornalismo precisa ser pensada para além de ir a locais, ser testemunha de coisas e reportar notícias, como tradicionalmente se pensa no meio profissional e como aspiração pela maioria dos estudantes. O autor reflete que as pessoas que antes compreendiam as audiências do jornalismo podem por si mesmas prestar este tipo de contribuição, divulgando os assuntos que presenciam. Para Stephens, a rearticulação do jornalismo como mediador passa, no século XXI, pela ênfase às capacidades interpretativas e analíticas que se pode ofertar ao público.

À perspectiva de Stephens, podemos adicionar a relevância da reconfiguração de lógicas informativas em contextos de uma cultura da convergência, nos termos de Jenkins (2008), em que usuários de mídias se tornam co-participantes na produção de conteúdos, configuram audiências dinâmicas e ativas, que atuam também no âmbito de espalhamento e recriação/remixagem de produtos midiáticos.

Um dos elementos que interferem diretamente na transformação das lógicas informativas é a mobilidade. Silva (2015) considera que o jornalismo móvel se relaciona com a mobilidade física e informacional do século XXI e afeta a dinâmica da cultura jornalística: a apuração é feita de um modo diferente, usa-se o smartphone para gravar voz, imagem, produzir texto; a edição e compartilhamento é alterada e pode ser feita diretamente às redes digitais; e o profissional passa a ter que administrar o contato

com o público. Tudo isso acaba exigindo, no entanto, um profissional polivalente e que tenha sempre consigo recursos tecnológicos de ponta.

O jornalismo móvel é uma modalidade de prática e de consumo de notícias através de tecnologias móveis (smartphones, tablets, celulares e outros dispositivos similares). Numa perspectiva histórica, o jornalismo móvel é compreendido como informação transportada para os jornais e revistas, meios eletrônicos como rádios e TV. No cenário atual, a prática é caracterizada pela mobilidade física e informacional para a produção de conteúdos diretamente do local do evento cujas condições são potencializadas pela portabilidade, ubiquidade e mobilidade, além da consideração do aspecto de espacialização contextualizada com a geolocalização da notícia. (SILVA, 2015, p.9)

A prática de jornalismo móvel favorece as mídias alternativas contemporâneas, uma vez que facilitam a estruturação de condições mínimas de produção de materiais sobre eventos do cotidiano e repercussão de abordagens críticas. A mobilidade também é central para o fenômeno do espalhamento de informações, já que o acesso aos conteúdos passa a ser garantido, em boa medida, também por dispositivos móveis.

Com essa nova forma de atuar em comunicação, passaram a surgir novos perfis sociais que perceberam a necessidade e a importância da renovação processos comunicacionais. Os chamados jovens ativistas (CASTELLS, 2009) se utilizam da cobertura em tempo real para dar ao jornalismo uma roupagem crua, sem filtros ou edições, e sempre pautadas na instantaneidade da ação refletidas em postagens ao vivos nessas redes. E é tendo como ingrediente principal a autonomia de produção midiática que se dá a atuação da Mídia Ninja no Brasil.

3 Mídia alternativa e mídia livre

Os movimentos de mídia alternativa permitem a articulação de atores sociais em movimentos de contra-hegemonia ideológica (KUCINSKI, 1991), e também produzem propostas de mídias que trabalham a exposição de pautas e acontecimentos sociais que estão à margem da cobertura midiática das grandes corporações (KLEIN, 2008). A mídia alternativa atua como aliada de movimentos sociais e políticos contra-hegemônicos, do que deriva uma condição de ação social do jornalismo

alternativo e a chamada comunicação de resistência, como definido por autores que analisam o período ditatorial (BERGER, 1991).

Formas de mobilização política por meio de processos comunicacionais foram desenvolvidas com intensidade no contexto político brasileiro posterior a 17 de abril de 2016, quando o afastamento da presidenta Dilma Rousseff foi aceito pela Câmara dos Deputados, sendo o processo definitivamente concluído em 31 de agosto do mesmo ano. A cobertura da mídia corporativa construiu sentidos de oposição ao governo de Dilma Rousseff e alicerçou a construção de uma opinião pública em favor de sua destituição (MOURÃO; MARTINS, 2016). Houve resistência ao impeachment, mas a cobertura da mídia corporativa cometeu incorreções sobre a natureza das marchas e, em outros momentos, buscou inviabilizar os acontecimentos (BARBOSA; MARTINS, 2016). Este cenário motivou a multiplicação de grupos de produção de mídia alternativa, como foi o caso do Mídia Ninja RN.

O coletivo Mídia Ninja RN foi apoiado por professores, estudantes e sindicalistas de Natal, Rio Grande do Norte, a partir de comitês organizados para a luta contra o impeachment, considerado sem legitimidade. Estes apoiadores forneceram ajuda com internet e melhoramentos tecnológicos ao grupo que atuou nas coberturas. A articulação do grupo também teve inspiração e apoio do coletivo Mídia Ninja (sendo Ninja a sigla para Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação). Maria Clara Aquino Bittencourt (2015), em sua pesquisa sobre Mídia Ninja, analisa os coletivos de mídia:

Entende-se esses coletivos como grupos que através de redes sociais, plataformas e dispositivos móveis de comunicação produzem e promovem o espalhamento de conteúdos sobre protestos decorrentes de mobilizações organizadas dentro e fora das redes, e que atuam de forma independente da mídia de massa, podendo ou não participar da organização das atividades de rua. (BITTENCOURT, 2015, p. 124)

Com isso, a autora entende que se sucede a midiatização do ativismo, uma inferência que pode ser estendida à mídia alternativa de modo geral. Em 2016, se observam fundamentos similares aos que estruturaram à mídia alternativa no período ditatorial, dada a “discordância com o tipo de atividade proporcionada pelos padrões vigentes na imprensa de referência”, e a afirmação dos alternativos “para a discussão política” (KLEIN, 2008, p.54). Além de lançar visões diferentes sobre fatos da

atualidade, os alternativos também possibilitam a publicação de artigos de colaboradores, bem como materiais experimentais, e permitem uma análise sobre a realidade social.

Munidos de celulares e *smartphones* e outros dispositivos móveis, o Mídia Ninja amplificou a cobertura dos protestos sob uma perspectiva de mostrar os acontecimentos sem corte e sem filtros, revelando a realidade das ruas marginalizadas e ignoradas pelos meios de comunicação de massa. (SILVA; RODRIGUES, 2014, p.35)

Com isso, se possibilitada aos usuários a sensação de pertencimento e participação em tempo real (MAGNONI; FERNANDES, 2012). Os movimentos sociais se reúnem com a finalidade de que suas vozes se unam em prol de um objetivos e sejam ouvidas em unísono pela sociedade e seus governante. “As multidões protestam em rede contra os abusos do Estado e do Capital, e a Mídia Ninja compartilha as suas imagens e vozes, ampliando o espectro da indignação e as estratégias de luta pela liberdade” (PAIVA, 2014, p.11).

O projeto de jornalismo colaborativo com estudantes da UFRN associou-se a esta forma de construir público e atuação. A produção de material da Mídia Ninja é feita através de “uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta uma mobilização efetiva das competências” (LÉVY, 2011, p. 2012), conhecida como a inteligência coletiva conectada. Assim, a comunicação unilateral, aquela em que o agente comunicador apenas comunica e o agente receptor apenas recebe, é substituída por uma multilateral colaborativa.

A partir de uma forma diferente de produção e divulgação de conteúdo realizado pela mídia tradicional, os “repórteres-ninja” refletem a forma de atuação da mídia independente no Brasil atualmente, denominada por Malini e Antoun (2013) como “midialivrismo”. O termo é entendido como uma forma de contraposição aos meios de comunicação de massa e sua atuação social muitas vezes são pautadas por interesses de cunho privado.

O midialivrista é o hacker das narrativas, tipo de sujeito que produz, continuamente, narrativas sobre acontecimentos sociais que destoam das visões editadas pelos jornais, canais de TV e emissoras de rádio de grandes conglomerados de comunicação. (MALINI; ANOUN, 2013, p. 23)

A mídia livre visa a liberdade de mostrar os outros lados de um acontecimento que, apesar de ser pautado na mídia tradicional, não tem ali explorada a variedade de seus sentidos. As manifestações de rua costumam ser o palco principal para esse modelo de ação colaborativa. Em uma cobertura de manifestação de rua, a maior parte das ações são moldadas pela improvisação, conforme os acontecimentos se formam. A principal proposta é levar a informação para o maior número de pessoas possível, seguindo a lógica de divulgação instantânea das mobilizações de rua e atividades de movimentos sociais, usando como ferramenta principal aplicativos de *streaming* e ao vivo. Outra característica relevante é a participação voluntária e ativista na produção de conteúdo, de modo que quanto mais pessoas se engajam, é potencialmente maior a perspectiva de chegar como informação e prática de mídia a mais audiências.

4 O caso da cobertura das ocupações escolares pela Mídia Ninja RN

O movimento #OcupaEscola consistiu na tomada de 1.200 instituições de ensino no Brasil, entre os meses de setembro e dezembro de 2016, com liderança de estudantes secundaristas. Apesar da repercussão internacional (PRENGAMAN; DILORENZO, 2016), no país, os movimentos sociais apoiadores do Ocupa Escola consideram que o jornalismo das grandes empresas tratou a questão de forma superficial, muitas vezes criminalizando os estudantes ou deixando o acontecimento como virtualmente invisível.

No Rio Grande do Norte, o movimento de ocupações se iniciou dia 28 de setembro de 2016 com as ocupações dos Institutos Federais Campus Natal Central e Campus Mossoró. A partir daí, estudantes de diversas cidades do estado, a princípio secundaristas, atuaram em conjunto iniciando novas ocupações em instituições de ensino. Algumas dessas cidades são: Caicó, Currais Novos, Santa Cruz, Nova Cruz, João Câmara, Macau, Pau dos Ferros, Ceará-Mirim e São Gonçalo do Amarante, englobando interior e Grande Natal.

A cobertura #OcupaEscola teve duração de pouco mais de dois meses, período que durou as ocupações no RN. Para a pesquisa, foram resgatadas um total de 119 publicações na *fan page*, dentre fotos, galerias, textos, vídeos e transmissões ao vivo,

além de 13 matérias de texto para o blog de notícias Repórter Ninja. Esse resgate, realizado através de mecanismos de pesquisa disponíveis nas mídias, contempla a sistematização dessa cobertura a partir de capturas de tela dessas publicações, apresentadas da mesma forma como foram publicadas na época. É importante ressaltar que apesar do uso da busca avançada no Facebook, nem todas as publicações da época puderam ser resgatadas por uma defasagem da ferramenta.

Com a intenção de informar à população do Rio Grande do Norte sobre o movimento, a cobertura buscava abarcar as ocupações ocorridas em todo o estado. Dessa forma, todo o material digital produzido e viabilizado em ambas plataformas digitais (fotos, vídeos, ao vivos, gifs) eram capturados de uma perspectiva interior às ocupações. Cada postagem ilustrava a realidade dessas ocupações através de sua composição visual muitas vezes atrelada ao textual. Cartazes com palavras de ordem, oficina de materiais gráficos, aulas públicas, distribuição de barracas nas instituições de ensino, assembleias e reuniões dos ocupantes, apresentações artísticas e atos públicos compunham a maior parte das postagens realizadas na página do Mídia Ninja RN, que eram posteriormente sistematizadas no blog de notícias.

Além disso, também se existia o objetivo de capacitar os atores sociais que estavam à frente das ações do movimento. Para tanto, os estudantes do projeto de jornalismo colaborativo, associados ao Mídia Ninja RN, ministravam oficinas de mídia livre em cidades do interior do RN, fomentando, assim, uma rede de colaboração em torno do projeto. Nessas oficinas, os participantes eram instruídos sobre o uso das tecnologias móveis para registro, edição e compartilhamento de materiais advindos de estudantes e participantes dos demais movimentos sociais que se uniram ao movimento #OcupaEscola. Os recursos tecnológicos utilizados eram básicos, compostos principalmente por *smartphones* e câmeras fotográficas pertencentes aos próprios participantes. Algumas das cidades visitadas foram: Currais Novos, Nova Cruz, Mossoró, Santa Cruz, Ceará-Mirim, João Câmara e Parnamirim.

Oficinas de material gráfico visual e mesas-redondas sobre a conjuntura política e sobre direito à comunicação também eram atividades realizadas como apoio subsequente às oficinas de mídia livre, contando muitas vezes com a participação de

convidados. Discutia-se a importância da midiaticização das ações a partir do uso de recursos acessíveis de comunicação, sem a dependência da mídia tradicional. Posteriormente, com os alunos e participantes dos movimentos envolvidos na propagação midiática das atividades realizadas por eles mesmos, a página do Mídia Ninja RN recebia colaborações diárias relacionadas ao #OcupaEscola vindas de todo o estado, ajudando manter o fluxo de alcance da página e no blog sempre alto enquanto as ocupações duraram.

Todos os atos e atividades realizados nas cidades que sediavam as ocupações recebiam especial atenção e eram imediatamente divulgados na página, tanto por meio de colaborações dos participantes do movimento como pelos registros da equipe do Mídia Ninja RN, que estava presente em grande parte das aulas, palestras, debates e manifestações.

Figura 1 – Estudante da cidade de João Câmara discursando para demais estudantes em ato público no dia nacional de luta. A publicação foi feita por uma integrante da Mídia Ninja RN



Fonte: <https://goo.gl/38U54I>

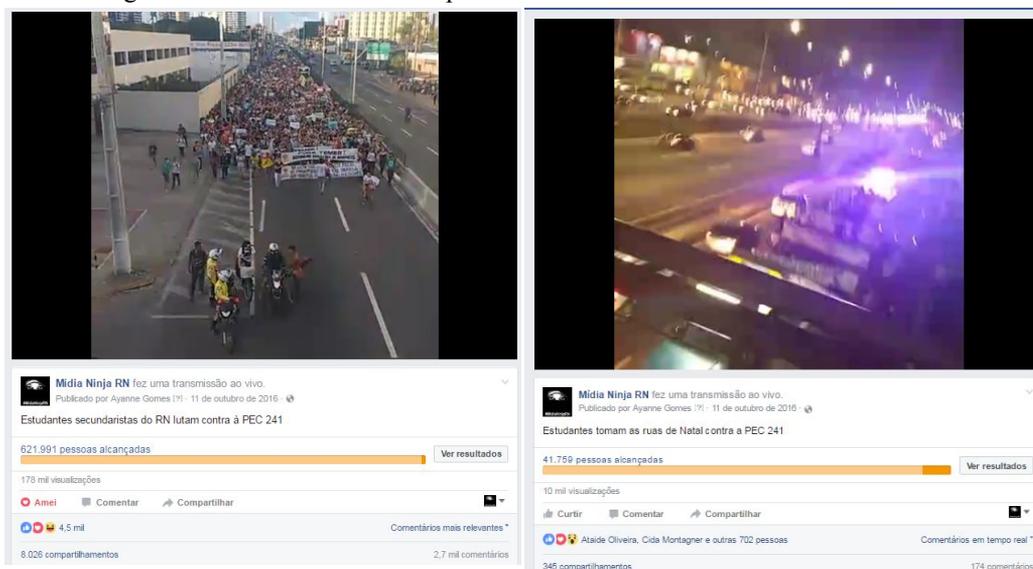
Figura 2 – IFRN de uma cidade do interior ocupado pelos alunos, que mandaram as fotos e o relato como colaboração para a página



Fonte: <https://goo.gl/1N0ujV>

Tudo o que era produzido de material digital (fotos e vídeos) eram disseminados enquanto as ações aconteciam através de conexões 3G, 4G e redes abertas ou posteriormente, caso fosse a intenção ou necessidade. Outra forma de emergir o público nos acontecimentos se dava através da ferramenta de transmissão ao vivo do Facebook, que possibilitava a publicização dos fatos livre de qualquer tipo de filtro ou edição. A essa categoria de postagem se dava a etiqueta (hashtag) #AconteceAgora, o que remetia à instantaneidade do acontecimento em questão, ou ainda com descrições textuais norteadoras sobre como e em que momento a atividade se dava. O mecanismo das transmissões ao vivo garantiu, desta forma, uma difusão do movimento #OcupaEscola sob a perspectiva da rua, se misturando com diversos outros movimentos sociais que também aderiram à causa.

Figuras 3 e 4 – Ao vivos de ato público em Natal em um dia nacional de lutas.



Fonte: <https://goo.gl/Tm6WGL>

Fonte: <https://goo.gl/6YC1ro>

As ocupações possuíam agendas diárias montadas pelos estudantes ocupados. Essas agendas eram muitas vezes repassadas com antecedência aos discentes e demais colaboradores do projeto que sistematizavam as postagens na página do Mídia Ninja RN, possibilitando um preparo prévio acerca de demandas técnicas e sobretudo acerca dos tipos de postagens que melhor se enquadrariam para as atividades que seriam realizadas. Os equipamentos utilizados para a realização da cobertura eram

smartphones, o recurso disponível de fácil acesso e que possibilita praticidade. Para registros de melhor qualidade técnica, foi utilizada uma câmera fotográfica profissional Canon T5I, com lentes 50mm e 10-18mm.

Figuras 5 e 6 – Ocupação do IFRN Natal-Central registrada com câmera profissional (esquerda) e com *smartphone* (direita).



Fonte: <https://goo.gl/vnCEe0>

Fonte: <https://goo.gl/G4F5GJ>

O blog de notícias Repórter Ninja funcionou como uma plataforma que abarcava as ocupações com um teor mais explicativo e detalhista, relatando os acontecimentos a partir da soma de técnicas textuais e fotográficas, enquanto a *fan page* era o suporte, principalmente, de um grande fluxo de conteúdo imediato e instantâneo, bem como de atividades passadas também. O espalhamento a partir do Facebook acontecia através das ferramentas de compartilhamento de cada postagem realizada. Esses compartilhamentos eram feitos inicialmente por pessoas que acompanhavam a página, mas se espalhava entre pessoas que não a seguiam através do impulsionamento de posts específicos. Esses impulsionamentos eram feitos por professores voluntários, no valor de R\$1,00 a R\$3,00

por postagem, com duração de um a três dias de anúncio.

Figura 7 – Post patrocinado. A barra laranja mais clara mostra o alcance orgânico, enquanto a barra laranja mais escura mostra o alcance pago.



Fonte: <https://goo.gl/cgfx27>

O Mídia Ninja RN estabeleceu uma rede de colaboração comunicativa a nível estadual, e uma parte massiva das publicações em ambas plataformas foram colaboração de indivíduos que compactuam com ideais midialivristas do Ninja. Com a distância geográfica entre diversos focos de manifestações, a cobertura presencial pelo núcleo do coletivo se tornou impraticável, e a ação dos colaboradores locais indispensável para cobrir toda a extensão dos movimentos, por diversas vezes simultâneos. Desta forma, toda manifestação e intervenção teve chance de mostrar o seu trabalho, inclusive sob o olhar local. Cada carta, cada grito de guerra, cada intervenção artística e cada reivindicação, por exemplo, recebeu uma atenção específica, e a união de todos esses aspectos, remonta o que foi a ocupação estudantil das escolas como um todo no estado

do Rio Grande do Norte.

Figura 8 – Alunos da UERN empunhando materiais gráficos com reivindicações e palavras de ordem.



Fonte: <https://goo.gl/M7ehlu>

5 Considerações finais

A cobertura, bem como as pesquisas relacionadas, foram realizadas em consonância com a o ambiente de luta estudantil do período, apresentando a escola como um ambiente repleto de historicidade e com potencial de discussão para os mais diversos âmbitos sociais. A equipe do projeto de colaboração atuou nos diálogos em sala de aula, a repercussão na mídia, e especialmente nas atividades realizadas nas ocupações. Reunindo os marcantes eventos da movimentação estudantil para o ambiente digital em que estamos inseridos, a cobertura possibilitou incitar a discussão por uma perspectiva de tempo e espaço da relação entre os usuários das plataformas digitais e os acontecimentos em um contexto social.

Mídia alternativa, jornalismo e ativismo se misturam em muitos pontos, o que externaliza a problemática da discussão do enquadramento comunicacional no

jornalismo, sendo que a própria existência da mídia alternativa é em si uma ação de crítica midiática, uma vez que denuncia as práticas de meios de comunicação massivos e tradicionais. Com um *smartphone* e conexão em rede sem fio é possível fazer parte dessa forma de produção alternativa de conteúdos, tornando o público um agente fundamental na lógica de produção de conteúdo nas redes digitais.

Dessa forma, a atuação neste tipo de mídia é marcadamente colaborativa. O protagonismo midiático passa a ser tomado por atores sociais que criam os acontecimentos e também os pulverizam em rede. A participação ativista sob a perspectiva da rua permite que se expressem pontos de vista sobre a realidade particulares aos participantes das mobilizações, ao mesmo tempo tornando possível a manifestação da pluralidade destes atores sociais.

Para além dessa mecânica de abordagem de compartilhamento de acontecimentos, a apropriação das mídias sociais e outros sites são um ponto de congruência importante dos atos de rua por criarem um espaço conversacional de divulgação de conteúdo, transformando o panorama midiático contemporâneo. Os papéis de produtores e receptores de informação agora se misturam em ambiente digital por meios de plataformas que possibilitam a convergência da acontecimentalização midiática.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Bia; MARTINS, Helena. Os atos pró-democracia e a narrativa do golpe na grande mídia. **Carta Capital**, Intervezes. São Paulo, 21 mar. 2016. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervezes/os-atos-pro-democracia-e-a-narrativa-do-golpe-na-grande-midia>>. Acesso em: mar. 2017.

BERGER, Christa. **Campos em confronto: jornalismo e movimentos sociais**. As relações entre o movimento sem terra e a Zero Hora. Tese de Doutorado na ECA, USP, mai. 1996. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/berger-christa-campos-0.html>>. Acesso em: março 2017.

BITTENCOURT, Maria Clara Aquino. Miatização do ativismo e jornalismo digital: o impacto dos filtros do Facebook nos processos de produção e circulação de conteúdos de coletivos midiáticos. **Alaic**, São Paulo, v. 12, n. 22, p. 122-133, jul. 2015.

CASTELLS, Manuel. **Comunicación y poder**. Barcelona: Alianza Editorial, 2009.

DINIZ, Lilia. O Jornalismo em tempo real da Mídia Ninja. **Observatório da imprensa**. Ed 757, São Paulo, 08 ago. 2016. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o_jornalismo_em_tempo_real_da_midi_a_ninja> Acesso em: março 2017.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

KLEIN, Eloisa Joseane da Cunha. **Nas veias do jornalismo, a política**: resistência à ditadura no Informação. Dissertação de mestrado do PPG em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Orientadora: Christa Liselote Berger Kuschick. Ano: 2008.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários**. São Paulo: Editora Página Aberta, 1991.

LEMOS, André. **A comunicação das coisas**: teoria ator-rede e cibercultura. São Paulo: Annablume, 2013.

MAGNONI, Antônio Francisco; FERNANDES, Daniele. Comunicação midiática e educação na cibercultura. Curitiba, **Revista de Estudos da Comunicação**, v.13, n. 32, p. 211-220, set./dez. 2012.

MALINI, Fábio; ANOUN, Henrique. **@ Internet e #rua** - ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013.

MOURÃO, Mônica; MARTINS Helena. **A legitimidade do impeachment construída pela grande mídia**. Intervozes. 18 de abr. de 2016. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/a-legitimidade-do-impeachment-tramada-pel-a-grande-midia>>. Acesso em: mar. de 2017.

PAIVA, Cláudio. D@niel na cova dos leões: Mídia Ninja no programa Roda Viva. In: BARRETO, Emília. et al. (Org.). **Mídia, tecnologia e linguagem jornalística**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2014, p. 10-25.

PRENGAMAN, Peter; DILORENZO, Sarah. **Brazilian students occupy high schools nationwide to protest budget cuts**. The independent, London, 25 November 2016. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/news/world/americas/brazil-students-occupy-protest-high-schools-budget-cuts-austerity-policies-president-michel-temer-a7438431.html>>. Acesso em: mar. 2017.

SILVA, Fernando Firmino da. **Jornalismo móvel**. Salvador: EDUFBA, Coleção Cibercultura / Lab404, 2015.

SILVA, Fernando Firmino da.; RODRIGUES, Adriana Alves. Jornalismo em mobilidade: redes sociais e cobertura de protestos “ao vivo” e da rua. In: _____. **Mídia, tecnologia e linguagem jornalística**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2014. p. 26-43.

STEPHENS, Mitchell. **Beyond News: the future of journalism**. New York: Columbia University Press, 2014.